

O pó da memória: acervo literário de Josué Guimarães e patrimônio cultural

The powder of memory: Josué Guimarães' literary collection and cultural heritage

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i1.31143>

Luana Maria Andretta

Mestre em Produção e Recepção do Texto Literário pela Universidade de Passo Fundo. Foi bolsista no Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF). Possui experiência em catalogação em acervo e pesquisa em crítica genética.

E-mail: luanaandretta15@hotmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3816-7909>

RESUMO

Locais de interesse há cerca de um século, os acervos literários vêm se consolidando na contemporaneidade como espaços que congregam memória, história e cultura. Os materiais antes guardados ou destruídos pelos escritores passam a ter uma sobrevida e a serem relidos, repensados e analisados por pesquisadores. Partindo desses pressupostos, o objetivo do presente artigo é o de discutir o acervo literário em três perspectivas independentes: o viés da memória, o da história e o da cultura com base em um relato de experiência ocorrido no Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF). Por meio de um levantamento bibliográfico, com base, especialmente, em Bordini (1995, 2003), Hay (2007) e Biasi (2010), pudemos perceber que essas três perspectivas sintetizam as múltiplas facetas desse local de investigação multidisciplinar.

Palavras-chave: Acervo literário. Memória. História. Cultura. Josué Guimarães.

ABSTRACT

Places of interest for about a century, literary collections have been consolidating, in contemporary times, as spaces where memory, history and culture converge. The materials previously stored or destroyed by the writers are survived and reread, rethought and analyzed by researchers. Based on these assumptions, the purpose of this article is to discuss the literary collection in three independent perspectives: the bias of memory, of history and of culture based on an experience report in the Acervo Literário Josué Guimarães. Through a bibliographic survey, based especially on Bordini (1995, 2003), Hay (2007) and Biasi (2010), we could see that these three perspectives synthesize the multiple facets of this multidisciplinary research place.

Keywords: Literary collection. Memory. History. Culture. Josué Guimarães.

Introdução

Entre os materiais catalogados, os objetos artísticos e parte da biblioteca de sujeitos que dedicaram uma vida à escrita estão possibilidades de leitura, muitas vezes inéditas e quase sempre reveladoras da criação, e desdobramentos interpretativos que podem ressignificar uma obra já publicada. Nesse local está situado o pesquisador da gênese. Todos os vestígios traduzidos em arquivos de um acervo literário suportam a versão do texto que o leitor tem em mãos, além de comprovarem, de maneira geral, a existência de um – ou vários – gesto(s) de escrita.

Investigar esses materiais é, além de oferecer respostas plausíveis sobre o gesto criador, uma forma de fazer reverberar e salvaguardar memórias e, conseqüentemente, objetos culturais de uma determinada comunidade. Assim, o pesquisador deste ambiente é um híbrido de detetive e de enxerido, quase um Sherlock Holmes na busca de pistas da concepção de um Frankenstein, uma misteriosa e frágil criatura, sem a permissão de seu criador.

Contudo, o espaço de um acervo literário é bastante singular em suas características, além de se configurar como um trabalho desafiador. Ciente desses pontos, o presente artigo tem por objetivo discutir, por meio de um levantamento bibliográfico, pontos relevantes sobre o trabalho em acervos literários a partir de três vieses interdependentes: o da memória, o da história e o da cultura. Para tanto, serão utilizados como bússolas teóricas os estudos de Bordini (1995, 2003), Hay (2003, 2007), Biasi (2010), entre outros estudiosos.

1. O nascimento do acervo e a crítica genética

Antes de discutir com maior profundidade os conceitos e os meandros do espaço acervo literário, convém revisar breves noções históricas do nascimento de uma ciência que contribui para a concretização do trabalho em acervos e teve influência direta na mudança de concepção sobre os manuscritos de escritores. A crítica genética surge na Europa, com grande força na França, no século XX, com o intuito de revalorizar a figura do autor e das produções anteriores ao texto publicado.

Mais especificamente, em 1968, uma equipe de pesquisadores, liderados por Louis Hay, organizou os escritos do poeta Heinrich Heine, recebidos pela Biblioteca Nacional da França (HAY, 2007; BIASI, 2010). A crise que ocorria na crítica literária, a agitação social causada por movimentos estudantis e o surgimento do pós-estruturalismo atuaram como gatilhos para o desenvolvimento da ciência. O grupo de pesquisadores analisou os manuscritos de Heine a partir da proposta estruturalista

que, por sua vez, apresentava novas concepções: a valorização do primeiro rascunho escrito e o ressurgimento do escritor como elemento importante na análise literária.

Esse florescimento, entretanto, foi resultado de anos de estudos filológicos e edóticos aliados a novos contextos e novas formas de compreender o fazer literário. Nesse âmbito, os manuscritos, que eram desvalorizados pelas correntes estruturalistas, tornam-se o objeto de uma nova ciência. No campo da crítica, inicia-se uma aventura, um mundo nunca antes explorado, no qual os manuscritos “[...] encontram-se dotados de vida e convocados a desempenhar seu papel num projeto de escritura” (HAY, 2007, p. 17).

É válido ressaltar que salvar espólios de escritores tornou-se uma atitude que começou a suscitar curiosidade somente entre os séculos XIX e XX (HAY, 2007; BIASI, 2010). Mesmo que diversos escritores se debruçassem, anos antes, na produção de ensaios e obras que tentassem explicar os meandros de suas criações, como Edgar Allan Poe com o ensaio *A filosofia da composição* (1846), creditado por Hay (2007) como o primeiro ensaio genético, Stephen Spender, T. S. Eliot, etc., o acesso ao escritório de um escritor era uma questão prática quase intransponível.

Com o passar dos anos, em especial na primeira metade do século XX, uma reflexão sobre o ato de escrever começa a florescer. A figura do escritor ganha espaço e valorização, e a literatura passa a ser vista como uma relação entre o escritor e sua produção. Assim, enquanto muitos especialistas procuravam reunir manuscritos e bibliotecas com vistas ao novo objeto de estudo, muitos escritores começaram a conservar seus esboços e até classificá-los. Nas palavras de Hay (2003, p. 68): “todos sabem que os documentos literários foram colecionados a partir do momento em que o culto ao grande escritor surgiu no imaginário coletivo”, e isso só se deu pelo fato de que os “próprios escritores dão a seus manuscritos uma significação completamente nova. Ao invés de permanecerem relíquias, esses documentos são utilizados como chaves para se alcançar a inteligência da criação literária” (HAY, 2003, p. 71).

De acordo com os estudos de Biasi (2010), o grande nome dessa época foi Victor Hugo, que além de manter suas notas, guardava ainda o manuscrito autógrafo – o manuscrito original. Hugo, ciente de que suas produções eram dotadas de vida, como citou Hay (2007) anteriormente, desdobrou-se para que situações políticas ou o trajeto ao exílio não interferissem na conservação dos seus escritos. Os manuscritos do escritor francês “tornaram-se uma espécie de duplo material de seu próprio corpo, o símbolo de seu pensamento vivo, de sua criação” (BIASI, 2010, p. 18). O autor doou tais produções à Biblioteca de Paris e, conseqüentemente, incentivou que outros escritores e familiares de escritores buscassem locais que pudessem salvar os rascunhos. É a partir desse momento que um primeiro intento para o desenvolvimento de acervos ocorre, os quais seriam espaços de grande interesse no século seguinte.

2. Acervo literário, um espaço de memória

Adentrando no espaço íntimo de criação de um acervo, o pesquisador é seduzido pela variedade de possibilidades de estudo, pelas confidências e segredos, pelo pó das memórias da escritura, pelas rasuras e pela tentação de revelar o que ninguém nunca pôde imaginar. Contudo, todo esse processo é mediado pela distância que a produção científica exige, a ética do profissional e a humildade de suas afirmações. É nesse contexto,

Frente à multiplicidade de fios que se desenrolam para seu percurso analítico, [que] o pesquisador dos acervos deve estar consciente, de antemão, da provisoriedade suplementar de sua análise se comparada a outras, uma vez que as conclusões de seu trabalho serão, mais do que em um outro tipo de pesquisa, sempre necessariamente parciais. (CURY, 1995, p. 55-56).

Uma analogia com o texto da escritora inglesa Mary Shelley ainda pode ser aplicada aos mistérios que a oficina de Victor Frankenstein abriga, nesse caso, ao acervo literário. Os anseios, os medos, a paixão, os fracassos e o gesto de construção daquilo que seria uma obra prima são testemunhados pelo covil de Victor da mesma forma como são pelo escritório daquele que escreve, pelos manuscritos e materiais de apoio que utilizou. A dor dos erros, a epifania dos acertos e todos os sentimentos da construção de algo nunca visto pela humanidade acompanham seus criadores a cada gesto.

Victor leu muitas obras de medicina, química e anatomia. Colheu, durante anos, em cemitérios e necrotérios, partes essenciais para o todo que havia planejado por muito tempo de uma maneira muito semelhante à forma que o escritor constrói seu texto. Cada leitura, cada memória, cada vivência compõem – ou podem compor – um Frankenstein literário, em um gesto lento e margeado por bifurcações e complexidades.

Se, ao final, o que o escritor criou, ou algumas partes importantes, será rejeitado, como foi o monstro do doutor, e deixado em uma gaveta até um crítico descobri-lo; ou acolhido e apresentado ao mundo, só o próprio sujeito que escreve pode validar. Certo é que sua criatura perseguirá seu criador tanto durante quanto depois de sua finalização. Certo também é que o criador só o é por ter feito a criatura.

E o mais interessante de notar é que as duas criaturas – Frankenstein e o texto – são mosaicos frágeis, incompletos e indefinidos, e seus criadores são pessoas perturbadas pelos riscos e dores do fim e da morte. Dessa forma, o acervo literário apresenta ao pesquisador uma quantidade de pistas – algumas delas falsas, as quais, a partir da crítica genética, exigem do geneticista uma transformação em um Sherlock Holmes, o qual precisa resolver não um assassinato, mas as tramas de um nascimento.

Segundo os estudos de Marques (2011), contemporaneamente, é notado um crescente interesse na instalação e manutenção de acervos literários, no Brasil, seja por instituições de âmbito público, privado ou misto – como as universidades, institutos e fundações culturais. Dessa forma, houve um deslocamento dos arquivos, antes pertencentes apenas aos escritores, para as mãos de um grupo especializado na salvaguarda dos materiais entregues.

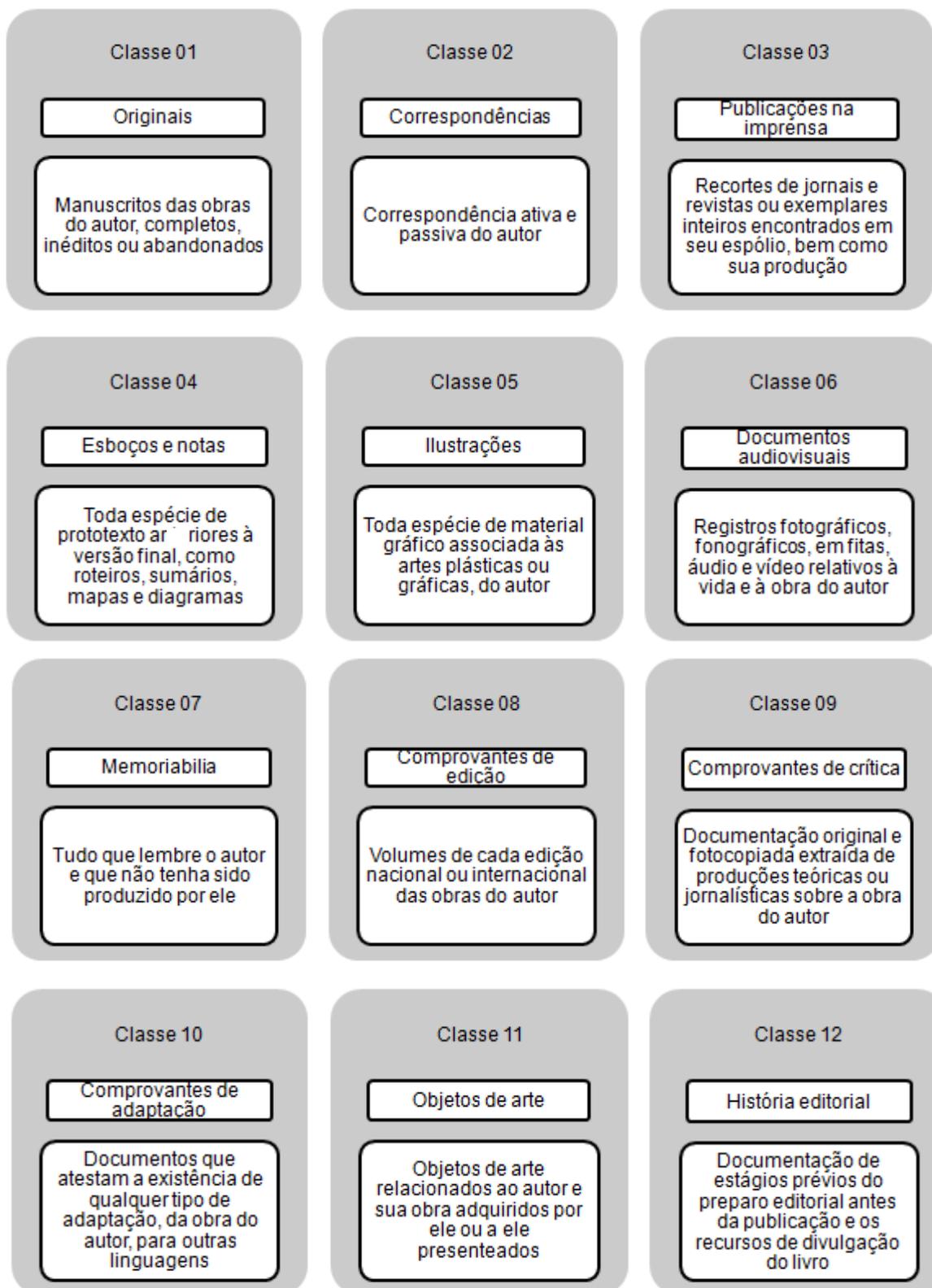
Contudo, longe de ser um conceito óbvio, a especificidade de um acervo literário traz consigo a necessidade de uma definição mais aprofundada, e é Bordini (2003) que traz tal definição. Para a autora, que teoriza a partir da construção do Acervo Literário de Erico Verissimo, espólio e arquivo seriam palavras que restringiriam a amplitude do material que estava sendo compilado. Muito além de uma herança, como designa a palavra espólio, o acervo poderia abrigar diversificadas propriedades pessoais, as quais não seriam submetidas a simples classificações, que a definição de arquivo suscita. Portanto, acervo quer

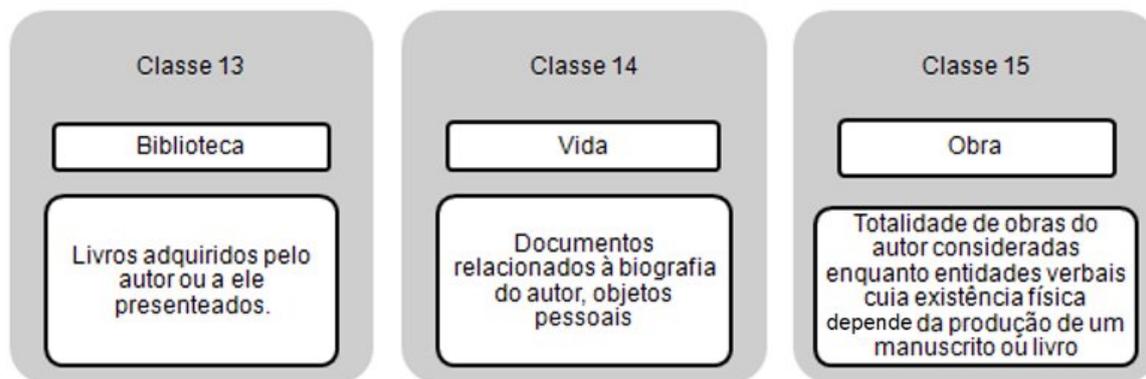
[...] significar um trabalho que não apenas conserva em ordem e cataloga para a consulta documento literários, mas promove a obra e a imagem do escritor, propicia investigações de cunho teórico, crítico e histórico, tanto quanto acolhe mais do que normalmente os arquivos ou espólios literários costumam conter. (BORDINI, 2003, p. 131-132).

Descrevendo o trabalho desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Bordini (2003) apresenta os projetos *Acervos de Escritores Sulinos* e *Acervos Literários em Rede Nacional*, os quais objetivam recuperar textos raros e documentações secundárias de autores gaúchos, preservá-los e difundi-los. Eles derivam da organização dos legados de Erico Verissimo, cedido em 1982, ao qual se somam os de outros escritores. Segundo Rettenmaier (2018, p. 116), a possibilidade de indexar informaticamente as obras do acervo de Erico oportuniza “[...] a construção de um cenário em que texto e extratexto se conjugam, dentre as tantas variáveis mobilizadas na articulação de uma obra com o sistema literário e cultural”.

A autora elaborou um manual que estabelece diretrizes sobre coleta, acondicionamento, arquivamento e catalogação dos materiais disponibilizados. Cada material é arquivado individualmente, conforme sua natureza, com registro específico, em classes determinadas. Para maior clareza e objetividade foi desenvolvido, de forma resumida, o seguinte esquema, com base em Bordini (1995), da organização dos documentos de um acervo:

Esquema 1 – Classes de organização de arquivos segundo Bordini (1995).





Fonte: Produzido pela autora, com base em Bordini (1995).

O esquema apresentado anteriormente é uma sucinta apresentação da proposta de Bordini (1995). Essa é margeada por categorias específicas de subdivisão que possuem um código de identificação padronizado, bem como detalhamentos que singularizam com bastante delimitação cada uma das grandes quinze classes. Essa sistematização foi desenvolvida com base em todo o material pertencente ao escritor Erico Verissimo e possibilita não só a teorização e a produção científicas como a socialização de um patrimônio que antes era privado.

Retomando a essência granular dos arquivos genéticos proposta por Lebrave (2004), Rettenmaier (2018) postula que o acervo literário encontra em sua multiplicidade — característica positiva — dois impasses: o difícil armazenamento dos muitos grãos e o fato de cada documento ser completamente único e frágil. Dessa forma, os arquivos, que ali estão disponíveis, desdobram a noção de memórias em dois níveis.

O primeiro deles retoma a memória em um sentido particular: o acervo é um espaço que está marcado pela presença do escritor. Objetos pessoais, livros e, mais íntimos ainda, os pensamentos do autor, concretizados em cada fólio catalogado, reconstroem a identidade de um sujeito específico. Cartas, listas de mercado e até mesmo bilhetes desvelam passagens da vida privada dele.

Consoante Santos (1995), os acervos são extensões dos autores arquivados e os materiais ali encontrados são testemunhas das diversas fases da vida deles. Ou seja, “a biblioteca e/ou arquivo pessoal constitui uma história de vida. O conhecimento, a experiência e os registros dessa experiência acumulados por uma pessoa ou instituição constituem uma variada e rica fonte informativa” (SANTOS, 1995, p. 105). Dessa forma, a organização estabelecida nesse espaço é particular, a qual precisa resgatar a identidade do autor, e é muito mais ampla do que a aplicação de diretrizes de biblioteconomia, por exemplo.

O segundo nível de memória presente em um acervo é o da literatura. As obras publicadas por um escritor, as quais estão disponíveis aos leitores nas prateleiras das livrarias, escondem processos

criativos, rascunhos e tentativas abandonadas. A memória da escritura dos textos está, muitas vezes, presente nos documentos de um acervo.

Nessa seara, Miranda (2003) traz uma contribuição bastante significativa. O elemento de um acervo literário, trazido da memória à superfície do presente, possui valor em um caminho de mão dupla. A lembrança do objeto é valiosa e o objeto torna valiosa a lembrança. Esse gesto “redesenha as fronteiras de uma tradição esquecida, que se mostra então plena de atualidade.”. Assim, “citar os mortos ou citar um texto é trazer o passado para o presente, é infundir outra vida ao que foi citado” (MIRANDA, 2003, p. 38).

Dessa maneira, configurado como um espaço de memória, o acervo desloca a concepção do texto como um objeto acabado, pois este local é, em sua essência, sinônimo de dualidade: lembrança e esquecimento, passado e presente, fragmentação e totalidade, singularidade e diversidade:

[...] em seu aspecto ameaçador, um arquivo pode remeter talvez a um excesso ou carência documental, vinculados à dimensão do passado; entretanto, enquanto traçado, projeto, pode conter a ideia de futuro, colocando-nos frente a novas possibilidades de tratamento do arquivo, a novas ordens de leitura e interpretação de seus documentos. (MARQUES, 2011, p. 192).

Se o acervo se relaciona com o passado, esse passado, provavelmente, carrega traços históricos que moldaram o próprio escritor, enquanto sujeito histórico e sua literatura, enquanto produção cultural de determinada época. É desse ponto que seguimos.

3. Acervo literário, um espaço histórico e cultural

Adentrar o universo dos arquivos “é deparar-se com um universo e lembranças exteriorizadas, resíduo de um saber escritural em ritmo acelerado de apagamento: salvar esses arquivos é fazer do resíduo a ponte para a fixação, sob a óptica comparatista, de um corpus que possa oferecer respostas mais convincentes à indagação do que é escrever entre nós” (MIRANDA, 2003, p. 39). Assim, revisitar e fazer reverberar as memórias de um acervo é propor uma nova ligação entre o passado e o presente, é manter a tradição e a literatura latentes à comunidade, não só acadêmica, mas geral. E isso demonstra o viés híbrido de um acervo: se por um lado ele pode trazer o individual, por outro ele simboliza o coletivo.

É dessas características que surgem os vieses históricos e culturais desses espaços. Além de o primeiro viés estar ligado ao passado e ao presente – uma das dualidades de um acervo, os documentos presentes em tal local evocam períodos factuais da trajetória de uma sociedade e podem, além de servir

de plano de fundo para as produções de um escritor, revelar ideologias, explicar fatos anteriores e contribuir para uma melhor compreensão de certos contextos de produção de um a obra.

Além disso, literatura e história, por mais que soem opostas em diversos momentos, mantêm uma ligação bastante estreita. Segundo Samoyalt (1968), a escrita literária se conecta com o real, em um processo de referencialidade. Ou seja, por mais que a literatura não copie a história, há história na literatura. E isso se expande para o acervo literário: por mais literário que esse local seja, um acervo traz consigo uma essência histórica bastante observável. Não há como considerar uma produção artística e suas referências sem relacioná-las a certa época.

Por fim, dentro de um acervo, muitas vezes, há profissionais da área da história, seja realizando a catalogação e acondicionamento dos materiais ou, seja na produção científica, embasada por conceitos específicos da área. Por ser um local bastante peculiar, o acervo permite a interdisciplinaridade. Dessa forma, a área de letras, a sociologia, a história, a psicologia, por exemplo, podem desenvolver estudos e participar do manejo dos arquivos, muitas vezes, cooperativamente.

Isso se liga, também, à perspectiva adotada no trabalho com os documentos literários. Já previsto em Cury (1995), Santos (1995), Bordini (1995, 2003) e Marques (2011), o trabalho em acervo é feito dentro de uma perspectiva inter e multidisciplinar, e isso se dá diante da heterogeneidade dos documentos existentes nesse espaço. Por isso, conhecimentos de áreas como as citadas anteriormente precisam ser mobilizados. É interessante, nesse ponto, frisar que o espaço de um acervo também é, quando possível, tecnológico. Afinal, a limpeza e a digitalização de manuscritos requerem equipamentos modernos.

Além de espaço de memória e de história, tal local ainda evoca o traço cultural. A própria escrita de literatura surge como um objeto estético, mas também de cultura. E enquanto patrimônio cultural, conforme a definição atribuída pela Constituição Federal Brasileira de 1988, Artigo 216, um acervo congrega produções artísticas portadoras de identidade e memória que contribuem para a formação de uma comunidade.

Para Santaella (2016), um patrimônio se relaciona com a preservação de uma memória cultural que estaria fadada à dissipação. A esta altura seria interessante ressaltar, novamente, a fragilidade e a impossibilidade de manter íntegros, da forma como são, os documentos de um acervo de forma permanente. Cada fólio manuscrito é único e é marcado pela força destruidora pelo tempo. Mesmo quando bem condicionados, o papel tende a extinguir-se. Por isso, como citado anteriormente, os acervos buscam na tecnologia uma forma de contornar esse fim.

E é justamente por meio da tecnologia que a característica coletiva e cultural de um acervo pode ser promovida. Com a divulgação de pesquisas e da diversidade de arquivos em uma plataforma digital de acesso geral, a existência e a relevância desses bens culturais seria intensificada. Nas palavras de

Cury (1995, p. 57-58), “a organização de acervos e a abertura de suas portas a um público mais amplo, além do mais, indicam uma visão mais democrática das possibilidades de acesso à cultura e para uma tentativa de retomada da memória no seu aspecto efetivamente coletivo, comunitário”.

Nesse contexto, é instigante mencionar a proposta de Rettenmaier (2018) em relação à modernização e divulgação dos materiais de um acervo. Com uma abordagem que revisa as classes organizacionais de Bordini (1995), vemos no estudioso uma adequação maior do acervo às demandas sociais tecnológicas. Tendo por base a reorganização dos materiais pertencentes ao Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF)¹, sob guarda da Universidade de Passo Fundo (UPF), Rettenmaier (2018) desenvolve, em parceria com a Universidade de Santiago de Compostela, uma metodologia com foco na fixação de um banco de dados que permite análises qualitativas e quantitativas dos materiais indexados.

Todo o processo é solidificado em quatro linhas técnicas: a qualitativa, a qual permite o levantamento de informações relacionáveis; a quantitativa, que possibilita a conversão das análises em dados numéricos; a histórica, que permite a construção de trajetórias e cronologias, e a textual, a qual possibilita a mineração dos materiais textuais.

Rettenmaier (2018, p. 121) afirma que “o objetivo de reorganização da base de dados do ALJOG/UPF, em plataforma específica e acessível online” se torna umas das “primeiras tentativas de integrar os acervos às possibilidades das tecnologias digitais”:

Os itens do ALJOG/UPF são organizados para arquivamento e digitalização em quatro grandes classes, em uma sistemática que combine os anteriores tipos de itens, entrecruzados, como se fosse executada uma espécie de dobradura na linha horizontal das antigas classes [de Bordini, 1995]: Produção Ativa, Produção Passiva, Correspondência e Inventário. (RETTENMAIER, 2018, p. 123).

Essa forma de reclassificação separa os itens textuais, pertencentes às três primeiras classes, dos não textuais, que fazem parte do Inventário (pertences pessoais, fotografias, entre outros elementos); e em ativos, produzidos por Josué, e passivos, sobre Josué. Dentro da classe de Produção Ativa, categorias menores para especificação dos prototextos são: manuscritos, datiloscritos, esboços, planos, notas, diagramas, assinalados. É justamente nesse processo de atualização do Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF) que reside meu breve relato de experiência.

¹ Informações mais detalhadas sobre o escritor Josué Guimarães e seu acervo serão apresentadas em seguida.

4. O acervo literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF)

Conheci o Acervo de Josué no início do ano de 2018 e tive a oportunidade de ser orientanda do coordenador do local, o professor Miguel Rettenmaier. Desde que ingressei no programa de pós-graduação, tive a certeza de que pesquisaria algo voltado para movimentos criacionais, com base na crítica genética, algo que tentei teorizar ainda na graduação. Muito diferente do tempo de graduanda, no Mestrado, tive a possibilidade de não só aprofundar os conceitos-chave sobre a teoria da gênese, como também verificá-los de maneira concreta nos mais variados documentos de Guimarães.

Josué Guimarães foi jornalista, político e escritor gaúcho. Nascido no interior do Rio Grande do Sul, em 1921, o autor, desde muito jovem, adentrou no mundo da escrita. Contudo, sua produção literária, especificamente, desperta após a menção honrosa em um concurso literário de contos, do estado do Paraná, quando já completara 49 anos. Com forte apelo realista, as obras desse escritor (que reúne romances, livros de contos, peça de teatro, literatura infantojuvenil, etc) tratam do homem e dos problemas por ele enfrentados. Vítima da ditadura civil-militar brasileira, Josué satiriza e critica ideologias e instituições em muitas de suas obras. Josué faleceu em 1986.

Inicialmente cedido pelos herdeiros de Josué à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG) é constituído no ano de 1996 (BORDINI, 2003). Em um projeto que envolvia outros acervos literários, após a iniciativa fundadora com o ALEV (Acervo Literário de Erico Verissimo), coordenado por Maria da Glória Bordini, pretendia-se resguardar a memória da literatura sulina em espaços formais de pesquisa, metodologicamente equacionados a partir dos avanços na pesquisa e na preservação da memória do autor de *O tempo e o vento*. O ALJOG, assim, ainda em Porto Alegre, teve a coordenação, até 2007, de Maria Luiza Remédios, responsável pelos momentos iniciais de pesquisa nos arquivos de Josué Guimarães.

Mesmo tendo sido cedido inicialmente à PUCRS, devido à aproximação de Josué enquanto incentivador e participante nas Jornadas Literárias de Passo Fundo e desejo dos herdeiros, o acervo migrou para a Universidade de Passo Fundo em 2007 e, nas dependências da Biblioteca Central, do Campus I, permanece até os dias de produção deste artigo.

Num espaço de 42 m², o acervo é dividido em dois ambientes: a primeira sala possui a Exposição, desenvolvida em comemoração à morte de Josué, “Trinta anos de ausência”, a qual conta com a distribuição de cartas, manuscritos, objetos pessoais, livros, entre outros elementos, do escritor, em vitrinas específicas. O intuito do local é proporcionar a visita externa, bem como servir de material itinerante para outras exposições em centros culturais fora da universidade, por exemplo.

O segundo ambiente é sala de conservação dos arquivos, composta por armários para salvaguarda de manuscritos, cartas, produções jornalísticas, entre outros elementos; estante para preservação dos livros da biblioteca do autor, desumidificador, máquina de higienização de obras, três computadores, fotocopadora, quatro scanners de última geração e mesa de reuniões, utilizada, dentre outras atividades, para a disciplina de pós-graduação *Leitura, memória e acervo*, ministrada pelo professor Miguel Rettenmaier.

Com mais de oito mil itens, o acervo de Josué conta com pesquisa em diversos níveis de ensino. Atualmente, trabalham na conservação e na produção científica bolsistas da Graduação, do Mestrado e do Doutorado em Letras, bem como bolsistas voluntários de Letras e de Jornalismo. Inicialmente sistematizado pela proposta de Bordini (1995), o espólio de Josué passa por uma transição de modelo organizacional, como já exposto.

Durante o tempo em que fui bolsista do acervo, o processo de atualização estava dando seus primeiros passos. Meu enquadramento era na sistematização de prototextos originais de Josué. Ou seja, a partir da metodologia de catalogação desenvolvida por Rettenmaier (2018), meu trabalho consistia na descrição minuciosa de diversificados elementos dos manuscritos autógrafos do autor gaúcho Josué, inicialmente realizada em uma tabela impressa, também desenvolvida pelo teórico, em folha A4, a qual seria posteriormente inserida do banco de dados que estava sendo desenvolvido.

Mesmo com tarefas designadas a cada bolsista, o trabalho no ALJOG sempre foi bastante flexível e cooperativo. Caso algum pesquisador tivesse interesse em pesquisar outra modalidade de manuscrito, por exemplo cartas, encontrava recepção e subsídio pelos bolsistas que catalogavam tal rascunho. O olhar interdisciplinar que a catalogação de Rettenmaier (2018) e a própria essência do acervo demandava desestabilizou minha concepção do fazer científico como algo rigorosamente fechado e com uma única resposta correta. Estar aberto a encontrar em um rascunho, em um trecho de carta, em uma anotação avulsa dentro de um livro um elemento-chave para a interpretação de um dossiê que estava sendo investigado era primordial.

Ademais, perceber naqueles papéis, muitas vezes vistos como rejeitos, a oportunidade de reconstrução da memória de um bem artístico-cultural e de um sujeito histórico influenciado por acontecimentos factuais da sociedade reatualiza os conceitos de literatura e texto, bem como amplia o campo da investigação da crítica literária. Poder participar de um grupo de pesquisa em acervo literário é abraçar a fragilidade dos arquivos e a beleza de seus mistérios. É entender que quanto mais amplo, flexível e intertextual for o olhar do geneticista, mais facilmente interpretações sobre a criação podem ser desenvolvidas e a memória do escritor e de sua produção podem ser reverberadas.

Conclusão

Espaços que congregam memória, história e cultura, acervos literário não são depósitos de rejeitos empoeirados, são locais em que a pesquisa interdisciplinar ocorre de forma intensa. Resgatando a memória da própria escrita, da literatura, do próprio escritor e a eventos factuais de uma comunidade em determinada época, bem como se configurando como patrimônios culturais, os acervos são locais marcados pela fragilidade de seus materiais e pela beleza das descobertas.

Ademais, diante de todas as considerações expostas ao longo de todo artigo, percebemos que o estudo que ocorre nos acervos de escritores auxilia não só no desenvolvimento de reflexões sobre crítica e literatura, mas sobre a escrita, patrimônio cultural, memória e futuro. Contudo, esse trabalho exige do pesquisador a habilidade de deslocar visões, quebrar dogmas, e exercitar a visão reticular (BORDINI, 2003), além de demandar ética e humildade perante as considerações desenvolvidas, as quais são, quase sempre, interpretações particulares.

Desarquivando os mistérios do acervo com a tecnologia como aliada, temos um terreno fértil para discutir variados temas com vieses complementares em uma esfera muito maior que a acadêmica. No momento em que não só as pesquisas científicas, mas documentos pertencentes ao espólio dos escritores chegarem aos olhos dos leitores, a possibilidade de fazer circular um bem cultural se torna mais concreta.

É dessa fase que pude fazer parte do grupo de pesquisadores do Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF) por, praticamente, dois anos. Se analisássemos mais a fundo os três vieses dos acervos literários, explorados nesse artigo, relacionando-os ao de Josué, veríamos com mais concretude tais conceitos. A memória da literatura produzida pelo escritor gaúcho está em cada fólio do acervo, em diversos livros de sua biblioteca; a memória de Josué está presente em tudo isso e também em relatos arquivados, pertences pessoais como o pente ou a carteira de jornalista e no carinho de cada pesquisador participante. O viés histórico do acervo de Josué também é forte: além de jornalista, profissão muito relacionada à factualidade dos eventos, o escritor viveu e sofreu a ditadura. Livros como *Tambores silenciosos*, *É tarde para saber* e *Dona Anja* reconstroem passagens de uma época tão censuradora e obscura. Dessa forma, só nos resta concluir que o ALJOG/UPF e todos os arquivos e pesquisas nele e sobre ele desenvolvidas são um patrimônio cultural imensurável, não só para o estado em que o escritor nasceu.

O ALJOG/UPF, assim como todos os outros acervos literários brasileiros, é multifacetado, fragmentário e complexo. Todos esses acervos se constituem como tentativa de recompor a história de vida e a obra de um ser humano que dedicou sua vida à escrita. Adentrar as portas de um deles, por

fim, é transformar-se em um Sherlock Holmes à procura dos esboços de construção de um Frankenstein literário.

Referências bibliográficas

- BIASI, Pierre-Marc de. **A genética dos textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BORDINI, Maria da Glória. **Cadernos do centro de pesquisas literárias da PUCRS**: manual de organização do acervo literário de Erico Verissimo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- BORDINI, Maria da Glória. Acervos Sulinos: a fonte documental e o conhecimento literário. In: SOUZA, Maria Eneida de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 129-139.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, Wander Mello (Org.). **A trama do arquivo**. Minas Gerais: Editora UFMG, 1995. p. 53-63.
- HAY, LOUIS. A literatura sai dos arquivos. In: SOUZA, Maria Eneida de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 65-81.
- HAY, LOUIS. **A literatura dos escritores**: questões de crítica genética. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- LEBRAVE, Jean-Louis. Hipertexts-momories-writting. In: DEPPMAN, Jed; FERRER, Daniel; GRODEN, Michael. **Genetic Criticism**: texts and avant-textes. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.
- MARQUES, Reinaldo. O que resta nos arquivos literários. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 192-203.
- MIRANDA, Wander Mello. Archivos e memória cultural. In: SOUZA, Maria Eneida de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 35-42.
- MIRANDA, Wander Mello. Bases de dados relacionais para o estudo da literatura: um projeto para o Acervo Literário de Josué Guimarães (ALJOG/UPF). In: SILVA, Rogério Barbosa da; GOBIRA, Pedro; MARINHO, Francisco (Org.). **Múltiplas interfaces**: livros digitais, criação artística e reflexões contemporâneas. Belo Horizonte: Scriptum, 2018. p. 111-129.
- SAMOYAUULT, Tiphane. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
Disponível em: < <http://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/Intertextualidade%20-%20Livro%20completo.pdf> >. Acesso em: 2 maio 2019.
- SANTAELLA, Lúcia. O papel da leitura face ao patrimônio cultural. In: ROSING, Tânia Maria Kuchenbecker. **Literatura e identidade na era da mobilidade**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. p. 91-106.
- SANTOS, Silvana S. Acervos privados. In: MIRANDA, Wander Mello (Org.). **A trama do arquivo**. Minas Gerais: Editora UFMG, 1995. p. 105-110.